

Missão Salesiana de Mato Grosso
Inspetoria de Campo Grande



Campo Grande (MS), 5 de novembro de 1980.

Aos cinco de novembro de 1979, na Santa Casa de Cuiabá, Mato Grosso, falecia serenamente o

Padre Afonso Barone

com setenta anos de idade, 48 de profissão e 34 de sacerdócio.

Era filho de José Barone e de Nicolina Rocco, ambos italianos.

José Barone havia emigrado para a América em 1896 e, tendo perdido a esposa, voltou para a Itália com os filhos e lá se casou com Nicolina, irmã da falecida.

Dessas segundas núpcias nasceu o Afonso, em Salerno, aos 18 de março de 1909 e, em junho de 1910, José Barone, com esposa e filhos, retornava ao Brasil. Afonso foi, numa família de nove irmãos, um dos poucos filhos nascidos na Itália.

Novamente em São Paulo, Barone montou a sua sapataria no Centro da Capital, à Rua da Conceição, mas evoluiu rapidamente, tornando-se comerciante em sapatos e armarinhos e abrindo logo depois uma segunda loja no mesmo ramo.

Nessa numerosa família, num sadio ambiente de trabalho, compreensão e amizade fraterna, passou Afonso os primeiros anos de sua infância.

Dentre as lembranças que guardou desse tempo, destacam-se os contactos que manteve, desde pequenino, com os salesianos.

Garotinho ainda, com menos de sete anos, começou a freqüentar o Oratório Festivo do Liceu Coração de Jesus, onde veio a conhecer e admirar os salesianos.

Esse encontro com as figuras bondosas dos salesianos do Oratório Festivo deixou-lhe uma marca profunda, que conservou até os últimos anos de sua vida.

A lembrança de sua primeira comunhão, assinada pelo Padre Mário Maspes, com data de 8 de julho de 1917, atesta sua ligação com os salesianos do Liceu, cujos oratorianos freqüentavam então a Igreja do Coração de Jesus.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Prudente de Moraes e, nas horas de folga de sua vida de menino, perambulava pelo Centro de S. Paulo - que não era o S. Paulo de hoje - passando pelas chácaras de plantação de chá e pelos bosquesinhos de árvore frutíferas, indo até buscar água no córrego Anhangabaú, que naquele tempo serpenteava pelo vale. Das chácaras resta só o nome do viaduto, o córrego lá está, correndo ainda, canalizado, debaixo do asfalto que é pisado diariamente por milhares de transeuntes.

Quando, após quinze anos de permanência em Mato Grosso, foi a São Paulo para tratamento de saúde, e passamos juntos pelo Centro, notei que lhe causava profunda emoção o ver a transformação daqueles lugares que lhe traziam à lembrança a infância distante.

Em 1921 fez o quinto ano primário no Liceu Coração de Jesus, onde iniciou o curso ginásial, que não chegou a concluir. Interrompeu os estudos para trabalhar nas lojas da família.

Nesse período começou a freqüentar o Bom Retiro, onde conheceu o P. Antônio Dalla Via e o P. Eduardo Lellis e aí, com as orientações que recebeu desses dois sacerdotes, sentiu desabrochar sua vocação religiosa. Já rapaz, com seus dezessete anos, decidiu ser salesiano e foi encaminhado para Lavrinhas, onde começou o aspirantado a dois de fevereiro de 1927.

O Padre José Del Mônico, Diretor do Ginásio São Manoel, conta-nos uma particularidade: *“Na secretaria consta o seguinte: em 1928 ele cursou a segunda série ginasial e em 1929 a quarta série. Por que o pulo? Porque foi-lhe dada a oportunidade de estudar as matérias essenciais nas férias e com outros colegas ganhar um ano de estudos.”*

Em Lavrinhas passou os melhores anos de sua vida. Testemunhos de colegas e de quantos o conheceram são unânimes em apresentá-lo como um moço de qualidades pouco comuns. Sereno, sério, de uma piedade profunda, animador dos teatros, *“sempre alegre e cordial para com todos”* era autêntico líder, admirado por colegas e superiores. O ter sido presidente da Companhia do Santíssimo Sacramento prova o alto conceito em que era tido no aspirantado.

O perfeito entrosamento com os colegas pode explicar-se ainda pela presença, naquela turma, de elementos não muito comuns. Quem conheceu Gilberto de Oliveira Barros, Henrique Teixeira, Mário Ramos, José Três, todos falecidos, e outros, ainda vivos, que depois fizeram juntos o noviciado, não pode deixar de imaginar que o Barone teria encontrado em Lavrinhas um ambiente a seu gosto, o que explica também o entusiasmo com que viveu os anos de aspirantado.

Ao terminar a quarta série, podia escrever aos oito de dezembro de 1929: *“Há três anos que despertou em mim a vocação religiosa. A princípio pareceu-me ser chamado à vocação franciscana. Depois de ter pensado e falado deste assunto com os Rev.mos padres Salesianos, tomei a resolução definitiva de seguir a vocação salesiana.”*

O prudente parecer do Conselho da Casa, que o admitiu ao noviciado, não deixa de ser um elogio: *“Parece uma boa vocação”*.

Em 1930 fez o noviciado com 25 outros colegas e a 28 de janeiro de 1931, véspera da festa de S. Francisco de Sales, fez a primeira profissão. Concluídos os dois anos de estudos filosóficos, foi enviado para Niterói, onde passou o primeiro ano do seu tirocínio e, em janeiro de 1934, emitiu os votos perpétuos.

A primeira etapa de seu ideal fora alcançada sem dificuldade. Estava definitivamente consagrado a Deus na Congregação Salesiana.

Há meio século, parece, encarava-se com mais segurança a consagração a Deus na vida religiosa, pois, faziam-se os votos no mínimo por um triênio. Hoje alguns jovens não se sentem capazes de assumir compromisso por dois anos e os votos anuais são comuns.

Ainda na década de trinta, não poucos salesianos faziam os votos perpétuos ao terminar o primeiro triênio, como o fez o Barone.

Apraz-me lembrar a figura simpática do P. Luís Zeferino, primeiro matogrossense a fazer votos em nossa Inspetoria. Contava ele que fizera os votos perpétuos logo após o noviciado (1901) e acrescentava que, no seu modo de pensar, votos feitos a Deus só podiam ser para sempre.

Exemplo dessa fidelidade, a todo o custo, deixou-nos o P. Barone. Circunstâncias adversas, obstáculos sérios não faltaram no seu caminho, mas com tenacidade aliada à paciência, que também é arte de saber esperar, conseguiu vencê-los. Nisso a sua vida é um exemplo.

Ao retornar para Niterói a fim de completar o tirocínio, Afonso via aproximar-se a meta de suas aspirações: ser sacerdote. A realidade, porém, seria outra e no longo caminho a percorrer não lhe faltariam espinhos. As dificuldades iriam prepará-lo melhor para assumir os compromissos do presbiterato.

Antes de sair de Lavrinhas, já clérigo, Afonso apanhou o tifo, doença grave, que lhe alterou o temperamento e prejudicou a saúde.

As primeiras dificuldades surgiram durante o tirocínio. Naquela década de trinta para quarenta e até depois, os anos de assistência eram prova de fogo. Os colégios, com grandes internatos, eram para os clérigos um campo de batalha. Quem atravessasse incólume esse período estava vacinado contra o desânimo.

O Clérigo Barone, não sem dificuldades, completara o quarto ano de assistência e teve então a satisfação de iniciar a sua preparação para o sacerdócio. Foi, todavia, o início de um período de provações.

Em 1937, inaugurava-se o novo prédio do Instituto Pio XI. Os teólogos de Santa Teresinha estavam de mudança para a Lapa e para lá se dirigia também o numeroso grupo de estudantes do Nordeste.

Casualmente achava-me em S. Paulo, no Liceu, e tive oportunidade de acompanhar os nordestinos até o Instituto. Ia-se de bonde até à Lapa e depois a pé tomava-se a atual Rua Pio XI. Agreguei-me a um grupo que subia e estavam nele o P. João Batista Costa, hoje Bispo de Porto Velho, e o Barone. Numa boa conversa chegamos ao portão do Instituto.

No ano seguinte devia eu também subir a colina da Lapa para iniciar os estudos teológicos. Entre os estudantes não encontrei o Barone. Pelo mesmo caminho havia descido, para enfrentar de novo, nos colégios, os mais difíceis anos de sua vida.

Quem viveu na Lapa naqueles primeiros anos, compreende que a formação de uma comunidade numerosa de jovens salesianos não era empresa fácil.

No Pio XI encontraram-se dois respeitáveis grupos de moços, vindos de regiões diferentes, habituados a climas e costumes diversos. A fusão e o entrosamento deles era um dos problemas da comunidade. Fácil é de entender certa trepidação e insegurança por parte dos responsáveis do Instituto.

Naquela situação a prudência não podia faltar e certas atitudes poderiam ser mal interpretadas, o que talvez aconteceu ao Barone. Provavelmente, num ambiente menos numeroso, mais familiar e mais sereno, como no de Santa Teresinha, o Afonso pudesse ser tolerado e auxiliado até. Porém, os caminhos de Deus eram outros.

Para não ser omissos devo contar que enquanto escrevia esta carta, recebi a visita do Salesiano Coadjutor João B. Ancona, que nos dá exemplo de conformidade com a sua completa cegueira. Para distraí-lo li o que tinha escrito e fiz-lhe uma confidência: não tinha contado que no primeiro ano de teologia o Afonso teria sido aconselhado a se retirar da Congregação. Discordou o Ancona, insistindo a não omitir essa passagem e explicou: *“Na teologia acharam que ele tinha algum defeito de que devia corrigir-se. A sua perseverança prova que o conseguiu. Contar isso é fazer um elogio que o Barone merece.”*

Aqui fica o juízo do Ancona que julguei melhor do que o meu.

Abandonado o estudantado voltou para as casas e continuou o tirocínio por mais quatro anos na Inspetoria de S. Paulo. Como não divisasse rumos melhores, enveredou pela estrada que a Providência lhe abriu: conseguiu ser aceito pelo P. Ernesto Carletti, Inspetor de Mato Grosso, e para cá se transferiu definitivamente. Aqui continuou sua vida de professor e assistente.

Numa ficha pessoal que preencheu, deixou escrito que foi assistente por doze anos. Passou por Niterói, Liceu Coração de Jesus, São João (Campinas), Mooca, Campo Grande e Corumbá.

Jamais se queixou disso. Ao contrário lembrava com saudades as passagens alegres de sua vida de assistente, pintando-as com as tintas vivas de sua imaginação fecunda.

São suas textuais palavras: *“Em 1937 cursei o primeiro ano de teologia, no Estudantado Teológico Pio XI, de São Paulo. Depois interrompi os estudos. Em 1943, tive licença, em Corumbá, do Revmo. P. Inspetor, Ernesto Carletti, de continuar os estudos teológicos fora do Estudantado, por autorização do Sr. Nuncio Apostólico. Recebi a sagrada tonsura em Campo Grande, em 29 de outubro de 1944, por mãos do Sr. Bispo Diocesano, Dom Vicente Maria Priante.”*

Depois de longa espera a estrada se abria novamente.

Estávamos em plena guerra e começávamos a sentir os seus efeitos. O reforço do pessoal europeu, que cada ano aportava sempre significativo, extinguiu-se e mesmo as comunicações foram cortadas com a Europa.

Ao passar de uma dependência completa a um isolamento inesperado, o nosso Inspetor deveria sentir apreensões. O P. Carletti compreendeu logo que valorizar o pessoal existente era exigência premente e nesse novo clima o Afonso se pôs a estudar com vistas à meta de suas esperanças.

A 31 de janeiro de 1946, festa de D. Bosco, recebia a ordenação sacerdotal, em Campo Grande.

Após dez anos de apreensões e sacrifícios, Deus lhe concedia o prêmio de sua perseverança. O Padre Afonso Barone foi um digno sacerdote, piedoso, culto, sempre atualizado, trabalhador incansável. A ele a Inspetoria de Mato Grosso deve quase quarenta anos de intensa atividade: Campo Grande, Corumbá, Cuiabá, Lins, Lucélia, Alto Araguaia, foram seus campos de trabalho.

Dedicou-se com amor às atividades salesianas. Foi catequista, conselheiro, prefeito, secretário, bibliotecário, diretor do Oratório Festivo, confessor e Chanceler do Arcebispado de Cuiabá. O P. Barone foi especialmente confessor, professor e diretor de Oratório Festivo.

Por mais de vinte anos dedicou-se a atender penitentes, povo em geral e meninos. Sentado, sereno, com o terço na mão, passava horas no confessionário e, num momento de folga, não tinha receio de recorrer a uma pitadinha de rapé.

Outro “*sacerdócio*” que exerceu com escrupulosa assiduidade foi o magistério. Só o abandonou quando a saúde lhe proibiu. Língua Portuguesa, Língua Francesa e História foram as suas disciplinas preferidas e nas quais demonstrava incomum competência.

Quando, após o Vaticano II, o sacerdote professor foi relegado para o segundo plano, chegando a ser considerado tempo perdido o ocupado na escola, o P. Barone, com certa altivez e para desfazer equívocos, costumava apresentar-se: “*Sou Padre de Colégio.*”

Ser catequista na aula de Português, Francês, História e entremear inteligentemente as atividades de evangelizador com as de professor e educador foram segredos seus. Ser professor foi uma das paixões de sua vida.

A paciência, que nem sempre manifestava na escola, jamais se esgotou com as impertinências e má educação dos meninos do Oratório Festivo.

Era extremamente compreensivo com a garotada do Oratório e demonstrava satisfação quando podia estar com os meninos. Tratava-os com delicadeza e afeto e foi tão marcante essa sua característica que, até no seu velório, ao lado do seu cadáver, não faltou a participação alegre e barulhenta da criançada à qual tanta estima dedicou em sua vida.

Fez-se necessária a interferência de sacerdotes e pessoas amigas para moderar a alegria de um grupo de garotinhos que numa reboleira festivo se agitava em torno do esquife, como se estivesse, não num velório, mas numa festa de aniversário.

Esta irrupção inesperada de uma dezena de crianças chamou a atenção dos presentes, mas foi sem dúvida a despedida que lhe vieram trazer os meninos, aos quais dedicava tanta afeição e em cuja companhia encontrava uma das lídimas satisfações de sua vida.

A última atividade que exerceu foi a de Chanceler do Arcebispado de Cuiabá, à qual dedicou os derradeiros anos de sua existência.

O Padre Pedro Cometti, Vigário Geral da Arquidiocese, enviou-nos o seguinte testemunho: *“Foi uma criatura de grande retidão moral, delicadíssimo em cumprir suas obrigações de religioso pobre e casto. Com uma exatidão que parecia exagerada, prestava conta das parcas entradas da Cúria. Pobre ao extremo, recusava qualquer tipo de coisa que cheirasse a luxo.*

Pontual e edificante nas práticas de piedade que fazia com devoção, mesmo na época da doença que o martirizou por mais de um ano.

Foi na doença longa e dolorosa que nos edificou sobremaneira. Não se queixava de dores, não proclamava seus males. No silêncio da noite, sozinho, pois o Arcebispo e eu estávamos normalmente fora por razões de ministério, sentado num banco da capela ou na entrada da residência, rezava longamente desfiando seu velho terço.

Ocultando sob aparente rudeza uma sensibilidade incomum, sabia agradecer as mínimas atenções que lhe faziam os enfermeiros.

Certamente purificado pela longa doença que o martirizou no verdadeiro sentido da palavra, estará intercedendo pela Inspetoria e por nós.”

Quando o P. Barone adoeceu, o P. Raimundo Pombo, que o visitava frequentemente, passou a prestar-lhe fraterna assistência. Por meio dele conhecemos os seguintes pormenores:

“P. Barone, até a véspera de sua morte, nutriu esperança de cura. Difícil, porém, imaginar que um homem inteligente como ele não tomasse logo conhecimento do seu estado grave.

Quando a doença se manifestou, os superiores mostraram logo o desejo de levá-lo a São Paulo para um tratamento mais sério. Ele, porém, não aceitou. Quando as dores aumentaram e lhe repetiram o convite, concordou. Fomos tratar dos papéis. Só possuía a certidão de idade e um documento do pai, que declarava o número de filhos com que tinha vindo da Itália e entre eles o nome de Afonso Barone. Tendo conseguido permissão para a viagem, através da Secretaria de Segurança, voamos para São Paulo e por desejo seu seguimos para o hospital do Brás, onde foi internado.

Examinado, o médico concordou com todos os diagnósticos do Dr. José Alberto Alves, que, com carinho de filho, vinha tratando dele e continuou com a mesma dedicação até o último dia.

O médico de São Paulo, diante da gravidade do caso e inutilidade dos remédios, receitou-lhe os analgésicos possíveis só para minorar as dores.

Essa ida a São Paulo foi providencial, pois teve a felicidade de encontrar-se com os irmãos e a numerosa família que mora naquela capital. Ele parecia reviver. Tive a felicidade de assistir a um desses encontros e vê-lo feliz abraçando os irmãos, alguns que não o viam há mais de 20 anos.

Entretanto não quis permanecer em São Paulo e o P. Nelson foi buscá-lo e o acompanhou até Cuiabá.

Nos primeiros dias a sua euforia era grande, pois, não sentindo as dores, fazia o caminho do DASA ao S. Gonçalo, onde, especialmente aos domingos, almoçava com a nossa comunidade.

Entretanto as dores reapareceram. Pela derradeira vez voltou à Santa Casa, onde a tradicional caridade das irmãs salesianas, acompanhada de maternal carinho, renovaram os cuidados que há tantos anos vêm dispensando a nossos irmãos doentes.

O mal foi se agravando, o tumor maligno foi-lhe invadindo o corpo. No sábado à noite o tumor manifestou-se na cabeça, atacando-lhe a vista, o que o fez pedir que acendessem a luz: estava cego.

No domingo, como tivesse eu que rezar a missa das 8,30, não fui vê-lo. Cedo, ele perguntou: “*Por que o P. Raimundo não veio?*” Foram as suas últimas palavras. Após a missa fui vê-lo, mas não atendia a mais ninguém.

Dois seminaristas o assistiam e temos que agradecer a dedicação e as atenções proporcionadas pelo Seminário Diocesano. As 23 horas o Sr. Arcebispo, Dom Bonifácio, que paternalmente e continuamente o assistiu, retirou-se e pediu-me que, quando percebesse qualquer anormalidade lhe telefonasse.

A noite foi passando, ele continuava na mesma agitação, sem descanso. Pelas duas da madrugada ficou mais tranqüilo.

Um fato interessante é que às quatro horas um sabiá pousou perto da janela e começou a cantar. Ele gostava muito de pássaros e pensei que o sabiá lhe viera dar a despedida. De fato pouco depois cessou de respirar.

Tendo já rezado as demais orações, dei-lhe a *“indulgência plenária em artigo de morte”*.

Minutos depois animou-se novamente para dar o último suspiro. O sabiá também soltou as últimas notas e voou. Eram 4h15 da madrugada da segunda-feira do dia cinco de novembro.

Transportado o corpo para o Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, onde fora Reitor por quatro anos, o P. Diretor, às dez horas, celebrou missa com a presença dos alunos da manhã.

As quinze horas o Sr. Arcebispo, ladeado por 27 sacerdotes, numa missa cantada pelos seminaristas do Cristo Rei, prestou a mais solene homenagem ao grande e humilde filho de Dom Bosco, Chanceler do Arcebispado.

Representando sua família, achava-se presente o seu irmão Vicente, que sempre o acompanhou com carinho e dedicação.

No cemitério o Padre Raimundo deu a derradeira despedida ao amigo dedicado e salesiano fiel...”

Repousa no cemitério do Coxipó da Ponte, ao lado de outros salesianos, que, como ele, depois de terem recebido nesta vida o pão e o trabalho, prometidos por D. Bosco, estarão na posse da terceira parte da promessa feita pelo nosso Pai.

Em dois períodos distintos, por dez anos, vivemos juntos na mesma comunidade. Nunca ouvi dele qualquer queixa contra qualquer pessoa. Nunca fez referência às situações difíceis que atravessou. Era extremamente reservado em falar de si mesmo e muito mais ainda em emitir juízos sobre outras pessoas.

Certa vez ao ouvir contar que um missionário salesiano tinha sido agredido violentamente em uma das nossas colônias indígenas, saiu-se com esta expressão que bem caracteriza o seu modo de agir: *“Se ele é padre deve perdoar.”* Perdoou sempre, esquecia injúrias e contradições. Acreditado que podia rezar tranqüilamente: *“perdoai-nos as nossas ofensas assim como já perdoamos...”*

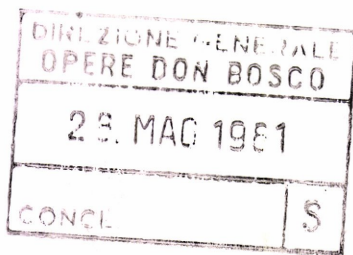
Pelo amor à Congregação e a Dom Bosco manifestado no seu apego à vocação, pelo trabalho obediente e sacrificado, pela aceitação humilde das dificuldades encontradas, pelos sofrimentos suportados com resignação nos anos da doença, certamente adquiriu um tesouro de merecimentos diante de Deus.

Esta é a nossa convicção. As nossas Constituições, porém, nos recomendam:

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. Trabalharam em nossa Congregação e muitos sofreram até o martírio, por amor do Senhor. REZAMOS POR ELES. Sua lembrança é para nós estímulo para CONTINUARMOS COM FIDELIDADE NOSSA MISSÃO.”

Rezemos também pelos nossos seminaristas, *“pedindo à Mãe da Igreja que os anime e fortaleça no testemunho de uma resposta alegre, coerente e generosa.”*

P. Nelson Pombo
Vice-inspetor



Dados Para o Necrológico

Padre Afonso Barone, nascido em Salerno (Itália) aos 18 de março de 1909, falecido em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, aos 5 de novembro de 1979, com 70 anos de idade, 48 de profissão e 34 de sacerdócio.